

## POPULISMO NO URUGUAI DO CENTENÁRIO: O CASO DE JOSÉ BATLLE E ORDÓÑEZ

Gerson Galo Ledezma Meneses\*

Destacamos a figura que mais marcou a história uruguaia do século XX: José Batlle y Ordóñez; pela sua atuação política, é reconhecido como o *criador do país modelo*; comparado com o primeiro presidente argentino proveniente da classe média, Hipólito Yrigoyen, considerado o antecessor do populismo peronista. Batlle assume o poder em 1904 num Uruguai que já havia colocado em andamento várias reformas positivistas. Dificilmente o batllismo tem sido estudado desde o ponto de vista do populismo. Mencionado apenas como populista pela historiadora Maria Ligia Prado (1981), mas também por intelectuais uruguaiois como Carlos Zubillaga (1985) quem estabelece a relação entre o líder e a massa de trabalhadores beneficiados por medidas de caráter social; configurou, diz este autor, “una de las primeras experiencias populistas en América Latina” (p.17). Batlle tem passado despercebido pelos grandes teóricos do populismo no continente, tais como Torcuato D’tella, Octavio Ianni, Gino Germani ou Ernest Laclau.

Nosso objetivo aqui é estudar Batlle no âmbito populista para entender seu posicionamento frente à identidade e à modernidade; mas na procura de verificar sua postura face ao imperialismo e o socialismo, além da sua relação com as camadas menos favorecidas. Afirmamos que Batlle pode ser considerado como populista não apenas pela sua relação carismática como o povo, nem pelas reformas de cunho social, mas por ter-se posicionado com firmeza frente ao imperialismo inglês na defesa dos interesses nacionais; não optando, ao mesmo tempo, por algum tipo de revolução socialista, preferindo desenvolver suas práticas políticas e sócio-econômicas desde o ponto de vista do nacional-reformismo. Mostramos que embora travasse uma guerra frontal contra a Igreja Católica, isso não significou que o líder se mantivesse longe da religiosidade; além de ser espiritualista, criou em volta de si um novo tipo de religiosidade no Uruguai: um culto cívico similar ao recomendado por Jan Jacques Rousseau na França do século XVIII.

---

\* Doutor em História pela UNB; professor da Universidade Federal da Integração Latino-americana, UNILA.

## BATLLE E O CULTO CÍVICO

Refletiremos a questão da religiosidade e o líder populista. Neste sentido, como mostraremos depois, Batlle interessou-se pelo laicismo do país, assumindo a relação das massas com o Estado, na época da América Latina liberal, das empresas estrangeiras e o capital financeiro tomando conta dos recursos naturais do continente, em aberta aliança com os militares e a Igreja Católica. No caso uruguaio, a comunhão entre massa e líder se deu de forma direta, não mais por meio de símbolos e imagens vindas do catolicismo; a imagem de Jesus Cristo era deslocada fora do cenário político, e em seu lugar, Batlle assumia o papel messiânico.

Si bien el naturalismo científicista del positivismo fue la filosofía predominante en el Uruguay a partir de 1880, Batlle fue un racionalista espiritualista influido por el alemán Krause en el campo de la filosofía del Estado, del derecho y de la sociedad (...) En materia religiosa, Batlle fue un anticlerical, aspecto éste en que los espiritualistas coincidían con los positivistas. Batlle era deísta, no ateo, pero su espiritualismo metafísico tuvo un fuerte asiento racionalista y estuvo fuertemente influido por la polémica religiosa francesa y el pensamiento político liberal (ARTEAGA, 2000: 132-133).

Podemos dizer que, se bem o líder não tenta resgatar a religiosidade, tal como fizeram outros populistas no antigo Terceiro Mundo, também não nega a metafísica; este sentido lhe ajudará a construir uma religiosidade cívica, como aquela criada por Rousseau e praticada durante a Revolução Francesa. Neste tipo de religiosidade, o líder carismático é elevado à categoria de herói e, daí, à de Deus. Na religiosidade cívica, cada uma das partes do corpo joga papel importante. Este tipo de prática de caráter cívico e religioso ultrapassou fronteiras, atravessou o Atlântico e chegou nos trópicos latino-americanos durante as guerras pela Independência. Desde Simón Bolívar e demais figuras da gesta libertadora, até os diferentes líderes políticos do século XX, o povo do continente lhes tem oferecido um lugar, um pedestal ou uma estátua depois de mortos, ou, simplesmente, tem sido adorados ainda vivos; criando, dessa maneira, todo um ritual que conecta a massa e, inclusive, outros sectores da sociedade, com os líderes carismáticos, estabelecendo um sentido religioso articulador das partes com o Estado benfeitor por meio do homem-Deus. Práticas políticas, de cunho sagrado, consideradas pela oposição como demagógicas.

Falando de Batlle, Antonio M. Grompone afirma que nenhum homem despertou no Uruguai paixões tão profundas em tão grande número de indivíduos:

La devoción casi religiosa en la masa y el respeto debido a un conductor de relieves excepcionales en sus partidarios calificados, se enfrentaba al apasionamiento de adversarios de espíritu simplista que encarnaban en él todo lo que debía combatirse, el origen de todos los males, casi lo diabólico de una época, mientras los hombres de cierta capacidad intelectual oponían la resistencia sistemática a toda la actividad de Batlle (GROMPONE, 1962: 2).

Odiado, mas defendido pela massa, pelos intelectuais membros do Partido Colorado e por personagens que lhe ajudavam, desde a imprensa<sup>1</sup>, desde o folheto, desde o livro, desde todo tipo de impresso, a construir sua imagem, imagem de santo, de abnegado. Tal como é apresentado por dois de seus maiores biógrafos da época batllista: Giudici & González Conzi. “Aptitud genial, voluntad heróica: así puede definirse a Batlle”, afirmavam os autores de *Batlle y el ballismo*. O líder carismático havia aparecido no momento mais oportuno, justo quando as guerras civis haviam feito do Uruguai um extenso campo de batalha, quando “El pueblo se halla en plena descomposición moral y política; envilecido por la mano bárbara de los dictadores; resignado y hasta contento – en la apariencia – con la suerte que le depara el destino; sin impaciencia ni rebeldías; perdido todo deseo de levantarse y marchar, en la inmensa desolación de su desgracia, en el enorme desamparo de su pobreza espiritual” (GIUDICI & GONZÁLEZ CONZI, 1928: 33).

Num panorama propício para a aparição do populismo, quando o povo se encontra degradado e as classes altas deslegitimadas. Este quadro, segundo Ernest Laclau, é o ideal para o surgimento e legitimidade do líder carismático. Num momento em que o líder “será aceptado si presenta, de un modo particularmente marcado, los rasgos que comparte con aquellos que se supone que debe liderar. En otras palabras: los liderados son, en gran medida, *in pare materia* con el líder – es decir, este último se vuelve *primus inter pares*” (LACLAU, 2005: 83). Então Batlle aparece! Como enviado dos céus, diriam os construtores da sua imagem.

---

<sup>1</sup> Batlle funda em 1886 *El Día*, mas suas matérias e a dos seus correligionários aparecem também em *La Lucha* e *La Razón*.

Y proclama la revolución (...) y lucha en el campo de batalla, como un soldado heroico. El elemento afectivo fue entonces preponderante. Loco entusiasmo, santa abnegación, sublime desinterés: he ahí la trilogía victoriosa. Desprecio de todo bien material, sacrificio de todo instinto egoísta, desdén por la propia vida (...) y el piso mugriento de la Cárcel, como premio o recompensa (GIUDICI & GONZÁLEZ CONZI, 1928: 37).

A vocação de Batlle nunca teria sido a política; profundo admirador do espaço sideral, deliciado com a contemplação dos céus, lhe interessava o estudo dos astros. Mas, o motivou a lançar-se na política, segundo afirmativa de outro de seus biógrafos, a profunda indignação frente ao predomínio da injustiça, da crueldade, da rapina. Assim, converteu-se em dever colaborar na destruição daquelas situações degradantes; “por eso empezó a luchar con el fervor del apostol y hasta con la vaga esperanza de alcanzar el martirio. No le bastaba con exponerse desde la prensa, sino que sentía la necesidad de ofrecerse al peligro, buscándolo en la calle y en los teatros” (ARENA, 1930: 12).

Walter Trias descreve o Batlle jornalista, a forma de encarar as ditaduras que os uruguaios enfrentaram no último quartel do século XIX por meio da imprensa: *Espíritu Nuevo*, *LaRazón* e *El Día*, este fundado por Batlle em 1886. Desafia, então, o sistema político imperante, mas por isso “será perseguido, encarcelado, desterrado por sua ideas; sufrirá atentados, pero él no desmayará un ápice en su empeño, merced no sólo a su voluntad como también a su misión de sembrador de ideas” (TRIAS, 1958: 18).

Assim começava a construir-se a imagem do Cristo uruaio, aquele que estava disposto a entregar sua vida pelo povo, pronto para o sacrifício. Desta maneira, os seus seguidores estariam dispostos a pegar sua cruz e segui-lo. Isto explica o porquê

todos los que han vivido en nuestro medio han sentido ese estremecimiento, particular, íntimo, de fervor casi religioso, de convicción mística, exteriorizado en las expresiones más sencillamente emotivas de toda una masa, que veía en él al hombre excepcional y ponían en él toda la fe que no les daba una religión. Más de una vez nos hemos sentido conmovidos por esas explosiones de fe que todo lo da, que se basta con la adoración, que aparecía en todas las capas sociales, y que no era manchada por ningún cálculo, por ninguna mezquina esperanza humana. El retrato, la escarapela, un nombre, un

detalle, revelaban esa adoración que había llegado a adquirir los caracteres de una exaltación religiosa (GROMPONE, 1962: 49).

Como na afirmativa feliz de Ricardo Martínez Ces: “sua partidarios llegaron casi a endiosarlo, sus enemigos le hicieron el blanco de un odio implacable” (MARTÍNEZ CES, 1962: 49)

Quase trinta anos depois da sua morte, em 1958, outro admirador do batllismo canta a Batlle, mas não para quase endeusá-lo, como diz Martínez Ces, senão literalmente para endeusá-lo: “Cual un dios-hombre de poder sublime que blande el rayo de punzante pluma, tu bella Patria, de su vil tirano, bien la defiendes! Tal um profeta de los tiempos idos, los grandes males tu clamor censura! Tu voz resuena con fragor de trueno hasta en la choza del rural humilde! (ZAPICO Y MARTÍNEZ, 1958: 112-116). Na página 112 de seu canto a Batlle não duvida, mais uma vez, em elevar o líder à categoria de Deus, e intitula assim o poema:

#### DIOS BATLLE

(...)

Eres tu, desde tu lejanía,  
De tu cumbre sidérea de Dios  
Que refulges con célica gloria  
De tan alta, divina mansión.

(...)

Un mesías que llega en su hora  
Para optar por la cruz del deber,  
Tal has sido en tu tierra de origen:  
Redentor que le impones tu Fe.

(...)

Tú señalas, Dios-Batlle, la meta  
El pináculo, que ha de alcanzar:  
Ella debe, ya puesta en la ruta,  
Por su bien proseguir, avanzar.

(...)

Forjador, visionario, y heroico,  
Invencible por tu intrepidez,  
Que te labras tu digna epopeya  
Por tu humano, imperioso Deber.

(...)

Nunca olvida tu pueblo liberto  
Tu muy santa grandeza de dios:  
Ni tampoco tu bravo heroísmo,  
Cual la madre natura te dio (ZAPICO Y MARTÍNEZ, 1958: 112-116)

O batlismo não usou da religiosidade católica como mecanismo de cooptação popular, conforme em outros modelos populistas da América Latina. Porém usou sua própria imagem, e ao fazê-lo negou as figuras sacras para concretizar seu projeto político, econômico e social no Uruguai das primeiras três décadas do século XX. Como dizemos, utilizou o culto cívico, recomendado por Rousseau na sua famosa *Carta a d'Alambert* (ROUSSEAU, 1948) e colocou em andamento outras práticas na tentativa de *formar as almas* dos verdadeiros cidadãos, de seus seguidores fieis. Isto teria significado uma rejeição a algum outro tipo de culto cívico, à criação de mitos e heróis. Podemos afirmar, de forma hipotética que Batlle, por ser laico e populista, não se interessou pela construção de algum tipo de herói que pudesse competir com o seu prestígio, com o seu carisma e com o acúmulo de egocentrismo comum neste tipo de líderes. Batlle tentaria negar qualquer imagem ou fato histórico que pudesse posicionar-se como rival ao projeto batlista. Os batlistas se negaram a comemorar a data do centenário da Independência a 25 de agosto de 1925, mas, Batlle também se negou a reverenciar figuras como Artigas.

En 1910, se conmemora el Centenario de la Revolución de Mayo y Uruguay decide conmemorar el Centenario de la Batalla de Las Piedras. La primera que tiene que ver con la gesta artiguista. La misma Comisión del Centenario encargó apurar la construcción del Monumento a José Artigas. Que a su vez se inaugura el 2 de febrero de 1923, en el último acto del Presidente Baltasar Brum. En ese momento Brum intenta darle un sentido batllista al hecho. Dice que Artigas luchó por los hombres del campo y el batlismo aprobó el Estatuto del Peón uruguayo. Pero es muy temprano para hacer esas asimilaciones. Artigas y Batlle no pegaban con nada—José Batlle y Ordóñez era Presidente en 1911 y no hay testimonio que haya participado en ninguno de los actos de la celebración del Centenario. En 1923 no aparece en el estrado de la inauguración del Monumento a José Artigas”(DEMASI, 2003).

Como vemos, Batlle converter-se-ia no caminho, na verdade e na vida; ninguém chegaria ao Estado benfeitor senão através do Messias, disposto a converter-se no mediador entre Deus e o homem; não mais a Igreja faria esse papel, nem o capital estrangeiro, pois Batlle conseguiu ser o representante legítimo dessa comunhão. Conforme proposto no culto cívico da Revolução Francesa, Batlle foi além. Assim, nem os mortos ressuscitados como possíveis heróis desempenhariam o papel de enlace entre Estado e sociedade; a ligação dar-se-ia por meio da sua figura viva, convertida em uma espécie de sombra ainda depois de morto em 1929.

Um ano depois da sua morte, em 1930, sua imagem ainda parecia estar viva entre seus seguidores não resignados com a perda. Domingo Arena se perguntava “por qué la irreparable catástrofe no me tiene infinitamente desolado?” E ele mesmo respondia: “porque no me acostumbro a sentirlo muerto, tal vez porque no esté realmente muerto” (ARENA, 1942: 30). Rousseau formulou a idéia de que a religião cívica não deveria estar separada do Estado, pois ao ligar os indivíduos à sociedade, de modo imaginário e passional, ela condicionaria a formação da virtude dos cidadãos. Contra o universalismo da religião do homem, a religião do cidadão privilegiava principalmente a re-ligação de um determinado povo à sua pátria. Deste modo, os dogmas seriam diretamente ditados pelo Estado, prevendo socializar o respeito pela instância política, que consubstanciava o contrato social, e pela lei civil dela emanada (CATROGA, 2005: 14).

Batlle não apenas negava heróis como Artigas e a religiosidade católica, desde a imprensa atacava as mesmas bases do cristianismo, negando e destruindo, inclusive, a máxima imagem dos católicos uruguaios: o Cristo. Afirmava Sobre a morte e ressurreição deste, que apenas as crianças e os velhos acreditavam na história, pois homens dotados de razão julgariam que ninguém consegue se erguer depois de mortos; a não ser porque padeceu uma síncope ou um letargo;

Jesús resucitado! He ahí un fenómeno que no debemos admitir como verdadero, en tanto que no obtengamos la certidumbre de que no podemos incurrir en un error aceptándolo como tal. Sale de la órbita de los acontecimientos ordinarios y debe ser, por consecuencia, perfectamente constatado para que en él se crea. ¿Han probado los católicos la existencia de tal fenómeno?<sup>2</sup>

Batlle teria pretendido fazer um estudo sobre o Cristo, através dos Evangelhos; “quería probar que sus principales ideas no le pertenecían; que su doctrina era más que conservadora, retrógrada, ya que proclamaba que las bienandanzas del cielo serían para los desamparados, lo que afirmaba sobre bases incommovibles la explotación capitalista”. E, inclusive, ícones tão profundamente arraigados e respeitados pelo Ocidente cristão, e inseridos durante séculos no imaginário coletivo, como a Bíblia, entraram a fazer parte do objetivo iconoclasta batllista. Parecia-lhe importante divulgar

---

<sup>2</sup> Matéria publicada por *El Dia*, no domingo de páscoa de 1906, assinado por Judas, seudônimo de José Batlle y Ordóñez. In: MANINI RIOS, Carlos. *Anoche me llamó Batlle*. Segunda Edição. Montevideo: Imprenta Letras S.A., pp. 387-390.

ao povo “que el llamado libro santo, hace a cada rato la apología de la matanza, del incesto y de otros crímenes abominables” (ARENA, 1942: 16). Para Batlle, a Bíblia havia sido representativa do instrumento mais eficaz da tirania secular da igreja católica. “Todo tiende a probar que el libro no puede haber sido revelado por dios, que está todo lleno de errores geográficos y cronológicos, de alusiones falsas, de afirmaciones absurdas...” (Batlle, citado por MORA GUARNIDO, 1931: 221-222).

Uma vez derrotados diferentes rivais, possíveis competidores com sua figura e carisma, o líder deixava o caminho aberto para seus seguidores, de diferentes estratos sociais, construírem o mito chamado Batlle. Nesse sentido, entendemos que, nesta época comemorativa do Centenário da Independência, 1911, 1925 e 1930, o batllismo não tentou usar o passado na tentativa por construir a nacionalidade uruguaia. Enquanto os blancos pensavam nas origens da nacionalidade fundamentadas em *lugares de memória* como La Florida, e heróis como Lavalleja e Oribe, os colorados tentavam fazer do presente o eixo da nacionalidade; o batllismo e o novo Partido Colorado representavam a ruptura com o passado de guerras e divisões partidárias, com um passado de profundas divisões sociais e tendências autoritárias. O Batllismo fundava um novo tempo, como na época da Revolução Francesa, o passado era exorcizado para dar passagem ao presente e ao futuro. À diferença dos blancos, os novos colorados batllistas se interessavam em massacrar o passado; desse pretérito apenas resgatavam a figura de Fructuoso Rivera, o primeiro presidente republicano depois de 1830. Rivera seria elevado ao papel de fundador do Partido Colorado. Tarefa pela qual se enfrentariam ardorosamente com os blancos; estes propunham comemorar o Centenário em 25 de agosto de 1925. Os batllistas comemoraram a festa em 18 de julho de 1930.

Assim, o batllismo construiu o presente e projetou o futuro, baseado numa outra visão do tempo, negando o pretérito, sinônimo de trevas; projetando o batllismo como uma luz sobre o caos para organizá-lo, redefini-lo e projetar uma nova terra prometida. Tratava-se de negar a cosmogonia revelada pela Igreja católica para criar uma nova, um novo mito, uma nova ordem. A origem do novo Uruguai, do ser uruguaio estava nesse presente criador e não havia porque criar outro *lugar de memória* da nacionalidade. O engenheiro José Serrato, presidente do Uruguai, 1923-1927, concordava no papel fundador de Batlle: “a estas razones uno aún la convicción, la más acendrada y profunda, de que Batlle y Ordóñez sirvió con fidelidad y clarividencia a la República, y



fue por acción e inspiración, el artífice máximo del Uruguay moderno” (SERRATO, 1956: 3). A partir de Batlle, o Uruguai passaria a ser conhecido como a Suíça da América. Ele havia conseguido redimir o país. Havia sido o grande precursor, segundo o manifestava emocionado seu amigo Domingo Arena, pois “desde La cumbre de donde se construye, ha lanzado a puñados, a los cuatro vientos, La simiente de La redención!”<sup>3</sup>.

A partir desse momento, os seguidores do novo Messias se conduziriam facilmente pelo caminho apontado pelo novo Deus, dispostos a dar sua vida pelo redentor. A defende-lo dos poderosos inimigos.

Si; es preciso defender a Batlle: porque van contra él la sombra, el vicio, el dogma del temor, la forma rancia, la ambición, la impotencia y el prejuicio, la divisa, el ayer y la ignorancia. Porque van contra él, como jauría que ladra a la valiente caravana, los cobardes que rezan noche y día y los hombres que visten la sotana<sup>4</sup>

Para Fernández Rios, Batlle representava a alma do presente, que se impunha triunfal, firme e seguro, “es el brazo que arroja la simiente de las grandes cosechas del Futuro” (p. 17). Em 1920, dez anos depois, o cantor de versos a Batlle continuava firme seguidor de seu ídolo. Assim rezava outro de seus poemas:

Quiero otra vez en medio de la lucha  
Cantar con rudo y exaltado estro,  
Al gran reformador de nuestra patria,  
Al Pensador, a Batlle, al gran Maestro!  
Batlle es la esencia de mi canto recio,  
Porque es tan grande su figura altiva,  
Porque es tan noble su obra redentora,  
Porque es tan firme su fuerza arrolladora,  
Porque es tan santa su pasión inquieta  
Que por él, como en líricos espasmos  
¡vibra y exalta mi lira de poeta  
En una Marsellesa de entusiasmos!  
Batlle es la esencia del Partido mismo;  
La santa encarnación del patriotismo.  
(...)  
Batlle es el sol que aleja las tormentas,  
Astro del bien que con su luz orienta  
Al viajero perdido;

<sup>3</sup> Discurso del Dr. Domingo Arena, pronunciado en la Convención del Partido Colorado el día 28 de mayo de 1916. In: *Escritos y discursos del Dr. Domingo Arena sobre el señor José Batlle y Ordóñez*. Biblioteca Batlle, Año I, Volumen I. Montevideo:,s/e, 1942, pp. 71-91.

<sup>4</sup> Canto a Batlle, dedicado em dezembro de 1910 por Ovidio Fernández Rios. In: FERNÁNDEZ RIOS, Ovidio. *Batlle: himnos*. Montevideo: Claudio García y Cia. Editores, 1935, p. 15.

(...)  
Y fue así en esa épica jornada  
De libertad, justicia y principismo,  
Que el país se salvó. ¡Estaba Batlle  
Que evitó su caída hacia el abismo!  
(...)  
Su corazón sufrió con los que sufren  
Ansias de redención y de caricias;  
Y vio el hogar del pobre tan desecho  
Que, exaltado, hecho un dios, sintió en su pecho  
El dolor de las grandes injusticias”<sup>5</sup>.

Barran & Nahum perguntam até onde o batllismo teria recebido o apoio contundente da massa proletária e da classe média? A forma de apoio se poderia verificar no voto, dizem os autores.

Mientras tanto, tenemos el derecho de suponer que el batllismo recogió gran –o buena- parte de esos apoyos, porque no se explicaría de otra manera las manifestaciones multitudinarias que el movimiento convocó en las calles montevidéanas en 1913, 1914, 1915 y 1916. Cuarenta mil personas levantando banderas coloradas y viviendo a Batlle en 1913 (...) son la prueba contundente de que el batllismo había penetrado en los sectores populares y medios (BARRÁN& NAHUM, 1982: 9).

### **BATLLE ANTI-LIBERAL. ANTI-CAPITALISTA?**

Batlle fortaleceu o Estado em tempo do mundo liberal. Antecipou-se à década de 1930, quando após a crise de 1929 o presidente Roosevelt proporá o Estado como regulador da economia. Também antecede Vargas, Perón e Cárdenas, os fundadores dos três principais movimentos populistas do continente. Mas, para falar da forma como o Estado é colocado como protagonista da história, durante as primeiras três décadas do século XX uruguaio, devemos lembrar que, o liberalismo, como doutrina de libertação, de liberdade política, econômica e intelectual, encontra a suas raízes ideológicas no século XVIII. Porém, seria no século XIX quando os publicitários ingleses e franceses usaram a categoria liberalismo para se referir à ideologia das liberdades civis e políticas, mais precisamente da liberdade individual e da liberdade de pensamento. Esta doutrina de liberdade se manifestou de formas diversas e colocou ênfase nas liberdades econômicas, afirmando o direito à propriedade e opondo-se a qualquer intervenção estatal, ainda quando os liberais admitiram diferentes modos e graus de relacionamento entre o Estado e a sociedade; também a ênfase foi colocada nas liberdades políticas –

---

<sup>5</sup> Idem., pp. 9-23. (o sublinhado é meu).

governo representativo e democracia parlamentar- e nas liberdades intelectuais, asseguradas pela liberdade de pensamento e espírito de tolerância. Tanto na Europa, quanto na América Latina, o liberalismo seguiria várias tendências; divididos entre ortodoxos ou doutrinários, que não admitiam nenhuma ingerência do estado na sociedade, e os solidários ou progressistas, que admitiam que o estado podia encarregar-se de orientar as políticas que conduziriam ao progresso geral. Enquanto os doutrinários foram geralmente espiritualistas, acreditavam na existência de Deus e na imortalidade da alma, os progressistas foram seduzidos pelas idéias positivistas e evolucionistas e se inclinaram para a filosofia materialista e agnóstica, geralmente foram anticlericais, e, com freqüência, ardorosos anti-religiosos. Tal como no Uruguai da passagem do século XIX para XX<sup>6</sup>.

À diferença do que o liberalismo anunciava a nível mundial, Batlle pensava que “el estado debía intervenir en los problemas sociales y económicos. Debía ser el árbitro entre el capital y el trabajo apoyando al más débil, el trabajo (...) En lo económico dio un nuevo papel al Estado y en este sentido, no era un liberal”. Com sua estratégia de estatização e nacionalização desenvolveu as chamadas funções secundárias do Estado; percebeu que este não só devia cumprir o papel de “juiz e gendarme”, mas ajudar ao desenvolvimento econômico e ao progresso social (ARTEAGA, 2000: 140).

### **SER BATLISTA**

Significava ser moderno, e ser moderno não significava ser liberal, pelo contrário, como já anotamos, significava resgatar o papel do Estado regulador da economia e promotor de bem-estar social. Ser batlista era a possibilidade de lutar contra outras formas coloniais, como por exemplo, o latifúndio, tão arraigado durante o século XIX na história da América Latina. Enquanto Gandhi pretendia fazer de cada aldeia uma república independente do Estado indiano, Batlle pensava que ser moderno significava liberdade frente à Igreja e frente ao capital inglês ou estrangeiro em todas as suas manifestações. Aos bancos internacionais acusava de ter saqueado o dinheiro dos uruguayos. Apoiava o agro, a tecnificação, os estancieros, mas, em harmonia com os operários e indo contra o latifúndio tradicional. Ser batlista, como diz Arteaga, significava enviar os filhos à escola pública e laica, casar-se civilmente e rejeitar o

---

<sup>6</sup> Sobre esse assunto pode consultar DA SILVEIRA, Pablo & MONREAL, Susana, op. cit.

matrimônio católico; “aceptar la liberación de la mujer favoreciendo su acceso a los estudios secundarios y universitarios”.

Ser batlista foi um modo de ser e de viver, “cuyos valores formaron una mentalidad que superó los límites de un partido político y se convirtió durante mucho tiempo en la mentalidad predominante, identificada con el uruguay moderno” (ARTEAGA, 2000: 143). Com tudo, Batlle reúne os ingredientes que o identificam como um líder carismático em encontro com um povo que desde finais do século XIX estava se massificando; e que agora, junto com o seu chefe de Estado concordavam em que as classes latifundiárias e aristocratizadas, de estilo colonial, haviam ficado deslegitimadas, sem poder ter acesso ao poder conforme haviam sustentado no anterior século. No Uruguai do período batlista (1904-1929) encontramos a tipificação do populismo na América Latina, ou seja,

Em quaisquer de suas formas, o populismo necessita de alguns elementos básicos para se concretizar: independente das particularidades das ocorrências, ele surge quando há uma massificação de amplas camadas da sociedade que desvincula os indivíduos de seus quadros sociais de origem e os reúne na massa, relacionados entre si por uma sociabilidade periférica e mecânica; quando há uma perda da representatividade e da exemplaridade da classe dirigente; quando há a presença de um líder dotado de carisma de massas (WEFFORT, 1989).

Por que Batlle y Ordóñez não compareceu no Centenário da *Batalla de Las Piedras*, nem à inauguração de la estatua de Artigas? Por que a rejeição do herói? Por acaso Artigas representava algum tipo de socialismo com o qual o líder colorado não queria ser identificado?<sup>7</sup> Ou porque na sua categoria de populista (entendido aqui como o líder que além de reformista é anti-imperialista e anti-socialista, estilo marxista-leninista) lhe foi impossível criar quadros, outras figuras que, caso vier a falecer o líder,

---

<sup>7</sup> A oposição a Batlle, por parte do Partido Blanco, é clara desde 1904 quando assume o poder e se faz ainda mais evidente depois de 1913, ano em que o presidente promove uma reforma constitucional. Sua proposta considerava a substituição do Executivo presidencial por um colegiado de nove membros do partido majoritário (Colorado). “As causas de sua oposição não eram apenas políticas, mas se relacionavam também com o caráter das reformas sociais de Batlle. Assim, formou-se uma forte oposição na qual o diretório dos blancos se aliou aos riveristas, um importante grupo conservador resultante da divisão dos colorados em março de 1913. Eles, como todos os outros grupos que romperam em seguida com os batllistas, tentaram estabelecer sua identidade em termos da tradição do antigo Partido Colorado e acusaram os batllistas de, com sua simpatias ‘socialistas’, estarem traindo essas tradições”. Ver: Juan A. Oddone. “A formação do Uruguai Moderno, c. 1870-1930”. In Leslie Bethell (org.). *História da América Latina*, volume V. *De 1870 a 1930*. São Paulo: Edusp:Funag, 2002, p. 624.

poderiam dar continuidade a seus projetos? Neste sentido, ajudar a construir a imagem de Artigas como herói nacional, teria significado para Batlle y Ordóñez, criar um grande rival frente ao qual não estava disposto a ceder o lugar? Artigas, o rival reformista que por vez primeira na história da América Latina independente, não apenas falou de reforma agrária e direitos dos índios à terra, mas tentou realizá-la.

Não devemos esquecer: Batlle descendia de família aristocrática colonial, estas sepultaram para sempre os projetos sociais de Artigas. O herói havia trabalhado pelas classes sociais rurais, Batlle, pelo contrario, havia iniciado sua luta pela defesa do trabalhador urbano. Despertar o inconsciente coletivo uruguaio a favor de Artigas, ao ser elevado à categoria de herói nacional, quando se aproximava o I Centenário da Independência, significava forjar a imagem de alguém que lembrava passar do incipiente reformismo para algum tipo de revolução mais acentuada nos moldes da proposta artiguista, porém, a esses patamares, Batlle não estava disposto a chegar.

Batlle, sem dúvida, modernizou o país, e enquanto reformava, ia tirando do caminho os rivais. Desta forma, como vimos, acabou retirando o poder da Igreja e esta passou a ser mais uma no contexto nacional.

As reformas de Batlle ampliaram consideravelmente a base para a modernização do país. O Estado fortaleceu-se com o aumento do número de ministérios e a criação do Supremo Tribunal de Justiça em 1907. Ao mesmo tempo a Igreja teve sua influência diminuída pela progressiva limitação de suas prerrogativas e pela aprovação de leis liberais sobre o divórcio em 1907 e em 1913. Os benefícios da educação foram ampliados com a criação, em 1912, de escolas secundárias departamentais e o livre acesso, em 1916, ao ensino secundário e superior. Em matéria trabalhista, o Estado assumiu o papel de conciliador entre as classes, intervindo em favor dos assalariados mais fracos mediante uma legislação protetora ou com garantias efetivas do direito de sindicalização. A peça mais ultrajante (aos olhos dos empregadores) foi a aprovação, em 1915, da jornada de trabalho de oito horas para todos os trabalhadores urbanos (ODDONE, 2002: 622-623).

Além destas medidas sociais, o Estado se empenhou também em promover um forte desenvolvimento econômico de caráter nacionalista, contra o capital inglês especialmente; assim, Batlle impulsionou as manufaturas nacionais. Foram criadas algumas empresas estatais para resguardar determinados setores da economia dominados tradicionalmente pelo capital europeu. “Nacionalizando totalmente el capital

del Banco de la República, para crear un banco estatal y colocando el Banco Hipotecario bajo su control al año siguiente” (ODDONE, 2002: 623).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENA, Domingo. *Battle: recuerdos – anécdotas, reflexiones*. Montevideo: s/e, 1930.
- ARTEAGA, Juan José. *Uruguay. Breve Historia Contemporánea*. FCE: 2000.
- BARRÁN, José Pedro & NAHUM, Benjamin. *Battle, los estancieros y el imperio británico –Tomo 3: El nacimiento del batllismo*. Montevideo: Banda Oriental, 1982.
- CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito. Religião Civil e Comemoracionismo*. Fortaleza: NUDOC: Museu do Ceará, 2005.
- DA SILVEIRA Pablo & MONREAL, Silvia. *Liberalismo y jacobinismo en el Uruguay batllista: la polémica entre José E. Rodó y Pedro Díaz*. Montevideo: Taurus:Fundación BankBoston, 2003.
- DEMASI, Carlos (Entrevista) “Las polémicas fechas patrias”, El País Digital, Montevideo, Miércoles 31 de diciembre, 2003 | Año 86 - N° 29596. Internet Año 8 - N° 2706 | Montevideo – Uruguay.
- Escritos y discursos del Dr. Domingo Arena sobre el señor José Battle y Ordóñez*. Biblioteca Battle, Año I, Volumen I. Montevideo:,s/e, 1942.
- FERNÁNDEZ RIOS, Ovidio. *Battle: himnos*. Montevideo: Claudio García y Cia. Editores, 1935.
- GIUDICI, Roberto B. & GONZÁLEZ CONCI. *Battle y el batllismo*. Montevideo: Imprenta Nacional Colorada, 1928
- GROMPONE, Carlos M. *La ideología de Battle*. Montevideo: Arca, 1962,.
- LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: FCE, 2005.
- MANINI RIOS, Carlos. *Anoche me llamó Battle*. Segunda Edição. Montevideo: Imprenta Letras S.A.0.
- MARTÍNEZ CES, Ricardo. *El Uruguay batllista*. Montevideo: Banda Oriental, 1962.
- MORA GUARNIDO, José. *Battle y Ordóñez: figura y transfigura*. Montevideo: mpresora Uruguaya, S.A., 1931.
- PANIZA, Francisco, “El Liberalismo y sus ‘otros’: la construcción del imaginario liberal en el Uruguay (1850-1930)” *Cuadernos del CLAEH*, año 14, número 50, 1989.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Lettre à Mr. D’Alembert sur les spectacles*. Genève: Droz, 1948.
- SERRATO, José. Don Battle y Ordóñez. In: *Battle: su vida, su obra*. Montevideo: Editorial Acción S.A., 1956.
- TRIAS, Walter. *Battle periodista*. Montevideo: s/e, 1958.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- ZAPICO Y MARTÍNEZ, Alfredo. *Cantos a Battle: un prócer de América (Centenario de su natalicio)*. Buenos Aires: Impresiones Comercio, 1958.
- ZUBILLAGA, Carlos. El batllismo, una experiencia populista. In: BALBIS, Jorge, et. all. *El primer batllismo: cinco enfoques polémicos*. Montevideo: ClaeH:Banda Oriental, 1985.